

PERFIL SOCIOLINGÜÍSTICO DE MISSIVISTAS NÃO ILUSTRES UMA PROPOSTA DE ANÁLISE PRELIMINAR A PARTIR DE CARTAS PESSOAIS

Fabiano Aparecido Sales Lima (UFRJ)
fabianoasl@yahoo.com.br

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo construir o perfil sociolinguístico de missivistas não ilustres que viveram na primeira metade do século XX. Com base no aparato teórico da sociolinguística histórica (ROMAINE, 2009; CONDE SILVESTRE, 2007), bem como em novas perspectivas de codificação e edição de *corpora* de textos históricos (PAIXÃO DE SOUSA; KEPLER & FARIA, 2010), essa pesquisa apresenta uma proposta preliminar para a elaboração de um protocolo metodológico baseado na ferramenta computacional *E-dictor*. A partir da análise textual e/ou grafemática de documentos históricos, esse programa possibilita ao linguista-pesquisador a reconstrução da história social dos escreventes, bem como a indicação do grau de letramento dos remetentes das cartas pessoais.

Palavras-chave: Sociolinguística histórica. Perfil sociolinguístico. Cartas pessoais.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo construir el perfil sociolingüístico de escritores no ilustres que vivieron en la primera mitad del siglo XX. Basado en el aparato teórico de la sociolingüística histórica (ROMAINE, 2009; CONDE SILVESTRE, 2007), así como nuevas perspectivas sobre la codificación y edición de *corpora* de textos históricos (PASION DE SOUSA; KEPLER & FARIA, 2010), esta investigación presenta una propuesta preliminar para la elaboración de un protocolo metodológico basado en la herramienta computacional *E-dictor*. A partir del análisis textual y / o gráfico de documentos históricos, este programa permite al lingüista-investigador reconstruir la historia social de los escritores, así como indicar el grado de alfabetización de los remitentes de las cartas personales.

Palabras-clave: Sociolingüística histórica. Perfil sociolingüístico. Cartas personales.

1. Introdução

Considerando-se que pesquisas sobre *corpora* históricos revelam realidades linguísticas passadas, este trabalho tem como objetivo principal traçar o perfil sociolinguístico de dois missivistas não famosos que viveram na primeira metade do século XX. Essa reconstrução é feita a partir da análise de dados constantes de cartas pessoais, documentos em que se

observam evidências sobre a origem social dos interlocutores. Nesse sentido, o presente estudo assenta nos pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística histórica. (ROMAINE, 2009; CONDE SILVESTRE, 2007)

O *corpus* utilizado neste estudo é composto por documentos pertencentes ao gênero carta pessoal. As cartas pessoais apontam elementos que possibilitam a compreensão acerca das diferenças entre as línguas falada e escrita, bem como dos movimentos de variação e de mudança linguística (LABOV, 1994). Ademais, sob a perspectiva histórica da língua, as cartas apontam as características dos atores sociais, permitindo a reconstrução do perfil social dos escreventes.

A documentação foi submetida à ferramenta metodológica *E-dictor*¹ (PAIXÃO DE SOUZA; KEPLER & FARIA, 2010). Esse programa computacional é uma técnica de natureza filológica, consistindo na geração de arquivos que facilitam buscas e possibilitam notações diversificadas no texto editado. Aponta opções relativamente à manipulação do texto editado, tais como a conversão do texto transcrito para o formato xml, informações de mecanismos a serem utilizados no documento, a edição de propriedades do texto (título, ano de produção, autor, ano de nascimento e extensão do texto), o registro de comentários de edição e/ou codificação sobre o texto, bem como a inserção de cabeçalho e rodapé e de número de paginação. (PAIXÃO DE SOUZA, 2009)

Para os objetivos da presente pesquisa, interessam-nos o processo de edição da versão original para a versão modernizada e as listas obtidas durante a edição do documento. Desse modo, especificamente o programa foi utilizado com o propósito de coletar dados relativos aos registros escrito e oral, a fim de mostrar o grau de letramento dos missivistas, isto é, apontando-os como mais ou menos letrados.

Ademais, veremos que a relação entre os interlocutores da carta pessoal está diretamente relacionada ao teor da missiva, tornando-se, assim, um dos fatores determinantes para a percepção das intenções comunicativas, assim como dos demais elementos linguístico-discursivos nas cartas analisadas.

¹ O programa *E-dictor* pode ser obtido gratuitamente através do endereço eletrônico <<http://www.tycho.iel.unicamp.br/hotsite/index.html>>. Acesso em: 01-10-2019.

2. A sociolinguística histórica

Neste trabalho, a sociolinguística histórica é concebida como um (sub)campo de investigação interdisciplinar, relacionado a âmbitos de investigação conexos. Mantém, assim, estreita relação com importantes áreas como a filologia e a paleografia, por exemplo.

Com o advento da sociolinguística histórica, pesquisas linguístico-históricas passaram a ser desenvolvidas com maior precisão e confiabilidade, permitindo a investigação dos movimentos de variação e mudança linguística em sincronias passadas. A partir de pesquisas e testes, Suzanne Romaine (2009), considerada a pioneira nos estudos sociolinguísticos históricos, comprovou a possibilidade de aplicação dos métodos de análise variacionista em pesquisas de cunho histórico, seja com dados da língua falada, seja com dados da língua escrita. Consoante a estudiosa, “a mão escrita mostra variação regular nos símbolos ortográficos condicionados pelo contexto, da mesma forma que a linguagem falada exhibe variação alofônica”. (ROMAINE, 2009, p. 16)

De acordo com Suzanne Romaine (2009), a variação ocorre não apenas na língua falada, mas também na língua escrita (textos literários e não literários, cartas e outros documentos pessoais). Assim, para a linguísta americana, tanto a fala quanto a escrita devem ser consideradas fontes de dados, pois, embora de formas distintas, ambas representam a mesma língua.

Suzanne Romaine argumenta que textos escritos – inclusive de comunidades pretéritas – permitem observar aspectos de gramática e de pronúncia, levando-se em conta sua regularidade e sistematicidade. Segundo a estudiosa:

Qualquer um pode observar que duas amostras de fala ou escrita são diferentes. A análise sociolinguística pode nos mostrar que essas diferenças são objetivamente mensuráveis, e que existem padrões nas escolhas que um orador / escritor faz, por um lado e pode fazer por outro. Como as escolhas não são totalmente gratuitas, precisamos observar as condições ou fatores que podem influenciá-los; e é aqui que metodologia sociolinguística é aplicável. (ROMAINE, 2009, p. 13)

A partir da percepção de Suzanne Romaine sobre variação/mudança em textos escritos, as análises de cunho histórico passam a recair também sobre dados dessa natureza. Na perspectiva de Schneider, por exemplo,

[...] trabalhar com dados escritos requer um pouco mais de julgamento e

avaliação do que uma análise de gravações de áudio, mas a diferença é uma questão de grau: essencialmente, com ambas as abordagens, o objetivo é o mesmo, e os caminhos para alcançá-lo são muito semelhantes. (SCHNEIDER, 2002, p. 90-91)

É importante ressaltar, contudo, a necessidade de o linguista-pesquisador perceber que nem sempre o texto escrito se traduz numa representação direta da língua falada. Apoiado em William Labov (1994), Roger Lass (2000) ressalta a possibilidade de, no processo de transposição para o texto, ocorrerem *erros do escriba* na representação de um som ou mesmo na busca de tradições ortográficas que visem à reconstrução de traços de natureza etimológica. Assim, o autor retoma a máxima laboviana, segundo a qual o linguista-pesquisador deve saber usar os “maus dados” da melhor forma.

À luz do quadro teórico da sociolinguística histórica, Juan Camilo Conde Silvestre (2007) destaca a importância da observação de questões relativas aos movimentos da variação e da mudança linguística. Segundo o autor,

[...] também resulta importante para a sociolinguística histórica vislumbrar a existência de diferenças substanciais, comunicativas ou estruturais não supõe que o material linguístico escrito esteja isento de variabilidade. Neste sentido, entende-se que ambas (expressão escrita e oral) se encontram, com suas características particulares, em relação de distribuição complementar e que a variação estruturada se manifesta nos meios de comunicação. [...]. A análise sociolinguística dos textos permitiria apreciar sua própria variabilidade interna de forma objetiva e demonstrar que as eleições expressivas que realizam seus autores estão bem estruturadas e organizadas e podem se correlacionar com determinados fatores, que constituem o âmbito do estudo da sociolinguística. (CONDE SILVESTRE, 2007, p. 44, tradução nossa)

A possibilidade de reconstrução de contextos sociais do passado deve-se (cf. GIMENO, 1995, *apud* CONDE SILVESTRE, 2007, p. 55) ao elevado caráter preditivo da dimensão social da variação diafásica, relacionada a diferentes situações de comunicação. Em função do contexto, o falante/escritor varia seu registro linguístico, adaptando-o às circunstâncias. Assim, a análise das diferenças linguísticas entre presente e passado, diferenças estas que correlacionam fatores linguísticos e sociais, cabe aos estudos sociolinguísticos de cunho histórico.

Um dos desafios da sociolinguística histórica tem sido a aplicação do conceito de comunidade de prática. Nesse sentido, Juan Camilo Conde Silvestre afirma:

Uma comunidade de prática se define, como as redes sociais, em termos de

interação entre indivíduos, mas não se limita à observação dos aspectos estruturais, valorizando, por um lado, a experiência subjetiva dos membros de cada grupo acerca dos limites entre sua comunidade e outras e, por outro, considerando o tipo de atividades comuns nas quais participam e atuam seus componentes – incluindo a atividade linguística – como fatores fundamentais de sua delimitação. (CONDE SILVESTRE, 2007, p. 167)

Com base nas considerações de Juan Camilo Conde Silvestre (2007), a concepção de comunidade de prática é definida de acordo com o tipo de relação existente entre os membros de uma sociedade. Nesse sentido, a metodologia da sociolinguística histórica parte da caracterização de uma dada comunidade, cabendo ao linguista-pesquisador a investigação das redes sociais que teriam impacto sobre a variação e a mudança em sincronias passadas. (CONDE SILVESTRE, 2007, p. 176-177)

O processo de reconstrução do perfil social dos autores das cartas perpassa pelo exame de “determinadas variáveis independentes que em certas situações linguísticas do passado puderam estar correlacionadas com a variação” (CONDE SILVESTRE, 2007, p. 53). Assim, é importante fazer, quando possível, um levantamento de informações histórico-sociais a respeito do escrevente (*origem, profissão e família*, por exemplo).

É preciso que o linguista, no entanto, leve em conta problemas inerentes à pesquisa de caráter sociolinguístico-histórico. Além dos problemas de *hipercorreção, mistura dialetal e erros do escriba*, apontados por William Labov (1994), Márcia Cristina de Brito Rumeu (2013) outros percalços com que possivelmente o linguista-pesquisador pode se deparar, tais como a inconfiabilidade da localização de documentos históricos e o baixo grau de expressividade do vernáculo dos escritores.

Acrescentem-se ainda como problemas inerentes à investigação de cunho linguístico-histórico a *autoria* e a *autenticidade* (cf. HERNÁNDEZ-CAMPOY & SCHILLING, 2012, *apud* OLIVEIRA & SOUZA, 2013, p. 104). Relativamente à *autoria*, é necessário considerar a possibilidade de o documento não ter sido escrito pelo missivista que assina a carta. Quanto à *autenticidade*, é assaz importante a observação do nível de escolarização do escrevente a partir de aspectos relacionados à expressão escrita. Assim, na análise dos dados históricos, é relevante que o linguista-pesquisador investigue o padrão linguístico apresentado, confrontando-o com traços de vernaculidade da época.

Apresentados os pressupostos teóricos norteadores desta pesquisa, na seção seguinte abordaremos o gênero *carta pessoal*, que, em certa medida, favorece a manifestação da liberdade temática, apoiada na confiança

depositada pelo autor no destinatário, ou seja, na relação entre os interlocutores. (MORENO FERNÁNDEZ, 1988 *apud* CONDE SILVESTRE, 2007, p. 60)

3. O gênero carta pessoal

Com a percepção de Suzanne Romaine (2009) de que os textos escritos também apresentam variação/mudança linguística, constituindo-se também em dados suscetíveis de análise, as cartas passaram a ser consideradas como uma valiosa fonte para a pesquisa de cunho filológico.

Designando originalmente (cf. CURTIUS, 2013, p. 432) “o papiro preparado para escrever”, a *carta* é um gênero empiricamente realizado, estando presente em diversas práticas sociais, sejam elas comerciais ou pessoais (MARCUSCHI, 1997). Tem como função primeira a comunicação entre indivíduos fisicamente distantes. Materialmente, divulga a necessidade de interação, pautada na admissão de afinidades de temas e de distintos usos.

Partindo-se da perspectiva de Mikhail Bakhtin (1997), segundo a qual os gêneros estão íntima e discursivamente relacionados a funções sociais, é possível observar, em diferentes momentos históricos, traços representativos de mudanças sociais e linguísticas. Nesse sentido, a carta passa por atualizações sob diversas formas no decorrer do tempo, seguindo, concomitantemente, tradições e variadas práticas sociocognitivas (KABATEK, 2006). Por essa razão, é dotada de uma “grande variedade na forma”. (STEGER, 1974, *apud* MARCUSCHI, 2000, p. 96)

A carta “não reflete um tipo, mas uma constelação de eventos dos quais podemos chegar aos gêneros textuais” (MARCUSCHI, 2000, p. 97). Nessa perspectiva, embora conserve sua estrutura básica, a carta apresenta mais de uma forma, direcionada para o propósito comunicativo do texto escrito.

Em sua composição, o gênero carta apresenta elementos que assumem matizes particulares. Exemplos de traços desse padrão composicional são o formato, o cabeçalho, a data, a assinatura, bem como as expressões de cortesia, frequentemente utilizadas na saudação inicial e na despedida.

Estruturalmente, a carta é composta por três seções (cf. SILVA, 1988, p. 76): a *seção de contato inicial*, o *núcleo da carta* e a *seção de*

despedida. Na primeira seção – a de contato inicial – são prototipicamente expostas a saudação e a captação da benevolência (*benevolentiae captatio*).

No núcleo da carta (ou *narratio*, cf. COSTA, 2012), são apresentadas as razões pelas quais os interlocutores escrevem a missiva. Em se tratando do subgênero carta de amor, é nesta seção que se mantém o relacionamento entre o casal (de namorados, de noivos, de marido e esposa), construído a partir do grau de intimidade entre os missivistas.

A seção de despedida, a seu turno, evidencia a relação hierárquica/emocional entre os interlocutores, estando também relacionada ao grau de proximidade entre eles. Reunidos, esses elementos básicos são responsáveis pela organização textual e pela manutenção da unidade interna do texto.

À primeira vista, a carta pessoal é um texto aparentemente homogêneo; no entanto, esse gênero incorpora (cf. Silva, 1988) muita variação interna, tendo, por essa razão, significativa importância para o estudo da história das línguas humanas. Segundo Vera Lúcia Paredes Pereira da Silva (1988), a construção da carta se dá com base na tríade *autor – leitor – tema íntimo* (SILVA, 1988, p. 77). Tal como em uma conversa verbal espontânea, a carta evidencia uma fluidez no discurso (BAKHTIN, 1997). Essa característica é ilustrada pelos fragmentos (1) e (2), extraídos do *corpus* desta pesquisa:

- (1) “Cecy: Aqui estou novamente a gosar do irresistível praser [...]. Bem sei, Cecy, que *bastante ridículo deve ser o papel duma creatura que rompe a escrever [...] phrases pedantemente lyricas*”. (JOSÉ MACHADO, 18.11.1924)
- (2) “Espero que tenhas feito optima viagem. *Não erraste o caminho como da primeira vez?*” (IRACY, 22.11.1924)

Em se tratando de um gênero que perpassa distintos universos discursivos, a carta pode situar-se no domínio jornalístico, comercial e/ou pessoal. Neste último domínio – o pessoal –, as cartas podem ser classificadas (cf. SOUZA, 2012) como de *família* (correspondências produzidas entre membros da família nuclear), de *amigo* (troçadas entre amigos/colégas com maior ou menor nível de intimidade e parentes) ou de *amor* (troçadas entre cônjuges, pretendentes, noivos etc.).

Concebe-se, portanto, a carta como um produto cultural, social e historicamente construído, dotado, em geral, de um caráter intimista e espontâneo.

4. Perfil social dos missivistas

Antes de traçar o perfil social dos missivistas, consideramos importante uma breve apresentação do *corpus* do presente trabalho.

O *corpus* é composto por quatro cartas pessoais. Os documentos foram trocados pelo casal de noivos José Machado e Iracy. Tematicamente, o teor das missivas é de cunho amoroso, relatando sentimento de saudade dos missivistas em relação aos respectivos pares.

A título de ilustração, na primeira carta, produzida por José Machado em 18 de novembro de 1924, o missivista relata a incredulidade de Iracy em relação às palavras de afeto e sinceridade do noivo, incredulidade esta refletida na passagem “E no entanto eu vejo que não crês nas minhas palavras; já uma vez me perguntaste se eu lia muito romance [...]”.

De acordo com o escrevente, no entanto, esse e outros aspectos são incapazes de abalar o amor que sente pela amada, conforme ratifica o excerto “Mas, graças a Deus, nada disso tem o poder de abalar o meu amor por ti. Ele tem-se tornado cada vez mais forte, mais acrisolado, mais absorvente”. Consoante o texto escrito, o inabalável amor que José sente por Iracy decorre da (infinita) bondade da amada, ilustrada pelo excerto “É porque sei que és boa, infinitamente boa. [...] assim Deus conserve o teu coração aberto à bondade [...]”.

Feita uma breve ilustração do *corpus*, passemos ao perfil social dos missivistas.

4.1. José Machado e Iracy

José Machado e Iracy são pessoas comuns, não famosas. As quatro cartas, sendo duas de cada missivista, foram trocadas pelos noivos entre 18 de novembro de 1924 e 06 de fevereiro de 1925.

José Machado vive e trabalha no Rio de Janeiro, aparentando ser uma empregada, chamada D. Theodorinha. Embora o teor das cartas não permita entrever informações acerca do modo como José Machado se sustenta, pode-se supor, a partir das missivas trocadas entre os noivos, que ele trabalhe com livros (como escritor/editor/redator). Essas pistas são evidenciadas pelos “imperiosos motivos” que resultavam na constante falta de tempo para deslocar-se a Minas Gerais, bem como pelo requintado e pomposo estilo de escrita. Trata-se, portanto, de um homem culto.

No momento em que escreve a primeira carta, José Machado regressara recentemente da casa de Iracy. Nessa missiva, além de expor seu inabalável amor por “Cecy”, alcunha carinhosamente atribuída à noiva, José Machado relata a estranha sensação de sentir-se mal mesmo após a boa receptividade e o bom tratamento advindos dos familiares de Iracy. Em suas cartas, constantemente prolixas, José Machado frequentemente pede desculpas à noiva pelo uso de frases “pedantemente líricas”, pelos constantes “acessos de lirismo, pieguices e sentimentalismos”, rotulados por ele como “faltas”, externando reiteradamente a grandeza de seu amor.

Iracy, a seu turno, vive e reside com sua família na localidade de Fazenda, em Minas Gerais. Uma das cartas mostra que um dos familiares da noiva se chama Glenan, que demonstra apreço por José Machado. Embora suas missivas – relativamente curtas – não contemplem indícios acerca da ocupação de Iracy, pressupõe-se que, em meio ao contexto da sociedade mineira dos anos 1920, ela fosse dedicada aos afazeres do lar. Ainda assim, os registros escritos das cartas evidenciam que a nubente era uma pessoa esclarecida, sobretudo no tocante aos valores da sociedade.

A despeito de seu estilo de escrita ser simples – em comparação com o do noivo –, Iracy detinha relativo contato com o registro escrito. Em suas cartas, demonstra ser uma moça religiosa, frequentemente mencionando o nome de Deus.

Anteriormente desejosa por encontrar alguém que a amasse de modo sincero e verdadeiro – amor este demonstrado por José Machado –, Iracy estava com a cerimônia de casamento marcada para o dia 21 de abril de 1925. A noiva ansiava, assim, por desfrutar do novo lar e da vida ao lado de seu amado – José.

5. Perfil sociolinguístico dos missivistas

Após traçar perfil social dos missivistas, procede-se, nesta seção, a uma análise textual das missivas, a fim de verificar o nível de contato dos remetentes com a escrita, isto é, o grau de letramento dos escreventes.

Para tanto, a análise baseia-se em dados extraídos dos léxicos de edições, gerados a partir do programa computacional *E-dictor*. Visando a um resultado mais preciso e objetivo, foram selecionados três critérios, aplicados a todas as cartas analisadas, a saber:

- **latinismos/formas etimologizadas:** critério correspondente a um processo em que se recorre à etimologia vocabular. Nesse sentido, o uso de formas etimológicas (latinas e/ou helênicas) pode revelar indícios acerca do perfil social dos escreventes que lançam mão desses termos.
- **alternância entre [o] e [u] e entre [e] e [i]:** esse critério reflete marcas de oralidade, referindo-se à flutuação entre as formas variantes [o] e [u], [e] e [i], resultantes de transformações fonéticas em posição átona ou de restaurações (semi)eruditas.
- **segmentação/junção:** esse critério assenta na hipótese de que a natureza da junção – hifenização (devida ou indevida) e/ou limite vocabular das palavras escritas – pode evidenciar maior/menor contato com os modelos de escrita. Para tanto, consideram-se segmentação e junção quaisquer desvios quanto à separação silábica do vocábulo, consoante a norma vigente/moderna.

5.1. Análise dos dados

5.1.1. José Machado e Iracy

5.1.1.1. Latinismos/formas etimologizadas

Todas as cartas do noivo contêm formas etimologizadas (latinas ou helênicas). Embora as missivas da noiva também apresentem algumas dessas formas, sua recorrência é consideravelmente menor. Na tabela 1, exposta a seguir, são apresentadas algumas ocorrências de vocábulos etimológicos, acompanhados das respectivas modernizações e frequências:

José Machado (noivo)		
Dado	Modernização	Frequência
phrases	frases	6
lyricas	líricas	1
phraseado	fraseado	1
attitudes	atitudes	1
accessos	acessos	1
affecto	afeto	1
ellas	elas	1
elle	ele	1
rectas	retas	1
assignatura	assinatura	1
commoção	comoção	1
correctas	corretas	1

directa	direta	1
encyclopedico	enciclopédico	1
entusiasmo	entusiasmo	1
escripta(s)	escrita(s)	2
estylo	estilo	1
immenso	imenso	1
indifferente	indiferente	1
Tabela 1. Latinismos/Formas etimologizadas nas cartas de José Machado.		

Iracly (noiva)		
Dado	Modernização	Frequência
estylo	estilo	1
falla	fala	1
optima	ótima	1
recommenda-me	recomenda-me	1
affectuoso	afetuoso	1
apparencias	aparências	1
apprendi	aprendi	1
atrahiram	atrafram	1
hypocrita	hipócrita	1
Tabela 2. Latinismos/Formas etimologizadas nas cartas de Iracy.		

O reiterado uso de formas etimologizadas como *affecto*, *factos*, *rectas* e *accessos* pode refletir um alto grau de letramento/erudição de José Machado e, em menor nível, de Iracy. Para sermos precisos, no entanto, é preciso analisar outros critérios.

5.1.1.2. Alternância entre [o] e [u] e entre [e] e [i]

Nas cartas de José Machado, não há alternância entre as vogais [o] e [u], sendo rara a flutuação entre [e] e [i]. Já nas cartas de Iracy, ocorre tanto a alternância entre as vogais [o] e [u] quanto entre as vogais [e] e [i], conforme as tabelas abaixo.

Consoante os dados constantes da tabela 3, atesta-se o abaixamento da vogal [i] – [e] na grafia da palavra “creatura”, refletindo traços de oralidade, assim como a alternância (alteamento) entre as vogais [e] e [i] na forma pronominal oblíqua “mi”.

José Machado (noivo)		
Dado	Modernização	Frequência
creatura	criatura	2
mi	me	1
Tabela 3. Alternância entre [o] e [u] e [e] e [i] nas cartas de José Machado.		

Iracý (noiva)		
Dado	Modernização	Frequência
ispirito	espírito	1
cousa	coisa	2
Tabela 4. Alternância entre [o] e [u] e [e] e [i] nas cartas de Iracý.		

É possível, contudo, que o alteamento em “mi”, constante da primeira carta do noivo, reflita a relação entre os registros oral e escrito, gerando dúvidas no remetente quanto à grafia convencional. Essa dúvida justificaria a flutuação das vogais, tendo em vista a correta realização da vogal [e] na forma pronominal “me”, como ilustram as passagens a seguir:

- (3) “Percebo tudo isso e não *me* revoltado [...]” (JOSÉ MACHADO, 18.11.1924)
- (4) “[...] já uma vez *me* perguntaste se eu lia muito romance [...]” (JOSÉ MACHADO, 18.11.1924)

5.1.1.3. Segmentação/junção

Quanto a este critério, as cartas de José Machado e de Iracý apresentam correta translineação (passagem de uma linha à outra) das palavras. As tabelas 5 e 6, expostas a seguir, apresentam alguns casos de segmentação e junção encontrados nas cartas dos noivos. Na primeira coluna estão os dados na versão original; na última, o total de ocorrências da forma editada:

José Machado (noivo)				
Dado	Junção	Segmentação	Modernização	Frequência
de-ve	deve	-	deve	2
duma	-	de uma	de uma	1
es-crever	escrever	-	escrever	1
pedantemente	pedantemente	-	pedantemente	1
escrever-te	-	escrever-te	escrever-te	2
Tabela 5. Frequência de junções e segmentações nas cartas de José Machado.				

Com base nos dados da tabela 5, percebe-se que, nas cartas do

noivo, a maioria dos casos de segmentação ocorreu em razão do clítico em posição de ênclise – à exceção de *duma*.

Vale ressaltar, no entanto, que as segmentações foram feitas corretamente em todos os vocábulos, considerando-se as normas vigentes/ atuais, indicativo de um elevado grau de letramento do escrevente, ou seja, um missivista bastante erudito, conforme se observa em (5) e (6):

- (5) Bem sei, Cecy, que bastante ridículo **de-** | **ve** ser o papel *duma* creatura que rompe a **es-** | **crever**, sem mais nem menos, frases **pedantemen-** | **te** lyricas.
- (6) Para tudo isso eu tinha engatilhado o facil **ri-** | **so** de minha critica impiedosa e jamais **perdoa-** | **va** esses acessos de lyrismo, de pieguices, de **sen-** | **timentalissimos** mais ou menos lórpas. (JOSÉ MACHADO, 18.11.1924)

A tabela 6 mostra que as segmentações também foram corretamente feitas nas cartas de Iracy.

Iracy (noiva)				
Dado	Junção	Segmentação	Modernização	Frequência
envio-te	-	envio-te	envio-te	1
ispi-rito	ispirito	-	espírito	1
coração sinho	coraçãozinho	-	coraçãozinho	1
per doal-as	perdoalas	-	perdoá-las	1
recommenda-me	-	recommenda-me	recomenda-me	1
bre-ve	bre-ve	-	breve	1
cal-mo	cal-mo	-	calmo	1
sauda-des	sauda-des	-	saudades	1

Tabela 6. Frequência dos dados analisados nas cartas de Iracy.

Conforme os dados da tabela, os processos de junção, ilustrados por palavras como *coração sinho* e *per doal-las*, demonstram falta de domínio da missivista relativamente ao limite vocabular, confundindo, entre outros aspectos, vocábulos fonéticos e formais.

6. Considerações finais

Com base nos pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística histórica (ROMAINE 2009; CONDE SILVESTRE, 2007; e outros), este trabalho buscou a construção do perfil sociolinguístico dos missivistas.

Na presente pesquisa, foram analisadas quatro cartas pessoais do casal de noivos José Machado e Iracy. A partir de dados extraídos do léxico de edições, oriundos da ferramenta computacional *E-dictor*, fez-se o levantamento do perfil social dos escreventes, reconstruindo a história

social como também indicando o grau de letramento dos missivistas.

Após a análise dos dados, pôde-se apontar José Machado como o remetente com maior grau de letramento/erudição, apresentando, geralmente, uma escrita em consonância com a norma-padrão da língua portuguesa.

As missivas do autor apresentam vasto repertório de latinismos/formas etimologizadas, com pouquíssimas alternâncias entre vogais [e] e [i]. Quanto à translineação, as cartas demonstram elevado contato com os modelos de escrita, inexistindo qualquer confusão relacionada a junções/segmentações e limites vocabulares.

Numa escala gradativa [±letrado], Iracy, sua noiva, vem logo a seguir. Embora as missivas escritas pela autora tenham apresentado latinismos/formas etimologizadas, determinadas grafias apontaram incerteza quanto ao limite vocabular das palavras, evidenciando menor contato com modelos de escrita, em comparação com José Machado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros discursivos. In.: *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

COSTA, Alessandra Ferreira Castilho da. Ação – Formulação – Tradição: A correspondência de Câmara Cascudo a Mário de Andrade de 1924 a 1944, entre proximidade e distância comunicativa. In: MARTINS, Marco Antonio; TAVARES, Maria Alice (Orgs.). *História do português Brasileiro no Rio Grande do Norte: análise linguística e textual da correspondência de Luís da Câmara Cascudo a Mário de Andrade – 1924 a 1944*. Natal: EDUFRN, 2012.

COSTA, Alessandra Ferreira Castilho da. Por quanto esta he minha última vontade do modo que tenho dito: Tradições discursivas, textuais e linguísticas em testamentos norte-rio-grandenses dos séculos XVIII a XX. In: WINTER-FROEMEL, Esme; LÓPEZ SERENA, Araceli; TOLEDO Y HUERTA, Álvaro Octavio de; FRANK-JOB, Barbara. (Orgs.). *Diskurs-traditionelles und Einzelsprachliches im Sprachwandel*. Tübingen: Narr, 2015, v. 1, p. 285-316.

CONDE SILVESTRE, Juan Camilo. *Sociolingüística histórica*. Madrid: Gredos, 2007.

CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura europeia e Idade Média latina*. Trad.: Paulo Rónai. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2013.

HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel; CONDE SILVESTRE, Juan Camilo. *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. Wiley-Blackwell, 2012.

HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel; SCHILLING, Natalie. The Application of the Quantitative Paradigm to Historical Sociolinguistics: Problems with the Generalizability Principle. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel; CONDE SILVESTRE, Juan Camilo. *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012.

KABATEK, Johannes. Tradiciones discursivas y cambio lingüístico. In: GUIOMAR, Elena Ciapuscio; KONSTANZE, Jungbluth; KAISER, Dorothee; LOPES, Célia Regina dos Santos (Orgs.). *Sincronía y diacronía de tradiciones discursivas en latinoamérica*. Frankfurt a.m.: Vervuert, 2006.

KOCH, Peter; OESTERREICHER, Wulf. Linguagem de proximidade e linguagem de distância. *Romanistisches Jahrbuch*, Berlim; Nova Iorque: Walter de Gruyter, n. 36, p. 15-43, 1997

_____. *Oralidade y escrituralidad a luz de la teoria del language*. Madrid: Gredos, 2006.

LASS, Roger. *On explaining language change*. New York: Cambridge, 1980.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

LABOV, William. *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*. Cambridge: Blackwell Publishers, 1994.

LABOV, William. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Blackwell, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Por uma proposta para a classificação de gêneros textuais. Recife: UFPE, 1997.

_____. *Gêneros textuais: o que são e como se classificam?* Recife: UFPE, 2000.

SOUSA, Maria Clara Paixão de. Conceito material do texto digital: um ensaio. *Revista Texto Digital*, vol. 5, n. 2, p. 159-187, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1807-9288.2009v5n2p159/13192>>. Acesso em: 01-10-2019.

SOUSA, Maria Clara Paixão de; KEPLER, Fábio Natanel; FARIA, Pablo Picasso Feliciano de. E-dictor: novas perspectivas na codificação e edição de corpora de textos históricos. In: SHEPHERD, Tania Maria Granja; SARDINHA, Tony Berber; PINTO, Marcia Veirano. (Orgs.). *Caminhos da linguística de corpus*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

SILVA, Vera Lúcia Paredes Pereira da. Variações tipológicas no gênero textual carta. In: KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça e BARROS, Kazue Saito Monteiro de. (Orgs.). *Tópicos em linguística de texto e análise da conversação*. Natal: UFRN, 1997, p. 118-124.

SILVA, Vera Lúcia Paredes Pereira da. *Cartas cariocas: a variação do sujeito na escrita informal*. 1988. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

ROMAINE, Suzanne. *Socio-historical linguistics: its status and methodology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009 [1982].

RUMEU, Márcia Cristina de Brito. *Língua e sociedade: a história do pronomine “Você” no português brasileiro*. Rio de Janeiro: Ítaca, 2013.

SCHNEIDER, Edgar Werner. Investigating variation and change in written documents. In: CHAMBERS, Jack K.; TRUDGILL, Peter; SCHILLING-ESTES, Natalie (Eds.). *The handbook of language variation and change*. Malden: Blackwell Publishing, 2002. p. 67-93.

SOUZA, Cristiéle Santos de; GASTAUD, Carla Rodrigues. A escrita epistolar de Dom Joaquim e os tratados de epistolografia da *Ars Dictaminis*: permanências e rupturas. *XI Encontro Nacional de História*. Universidade Federal do Rio Grande – Rio Grande. 23 a 27 de julho de 2012.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William e HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].